

CONFLITO INJUSTIFICÁVEL

Dr. David Castro

Sempre que aparece uma inovação em terapêutica, as Escolas existentes procuram criticá-la e combatê-la, antes mesmo de um conhecimento mais aprofundado do seu objetivo, coisa que aliás acontece em todos os ramos do conhecimento humano.

Quando Samuel Hahnemann concluiu as leis básicas de sua doutrina terapêutica, resultantes do estudo e experimento de medicamentos no homem são e deu como creada a chamada Escola Homeopática, não tardaram a levantar-se as clássicas vózes de critica e protesto, como sempre, e antes de um estudo mais aprofundado.

E começou um conflito entre esta Escola e o conjunto de doutrinas e Escolas terapêuticas que Hahnemann englobadamente chamou de Escola Alopática.

Este conflito passou por diferentes fases, prosseguindo em nossos dias, sob aspectos diversos, modificando-se com a evolução dos conhecimentos.

Se quisermos encarar o assunto mais ou menos historicamente, encontraremos fases nitidamente distintas deste conflito em que dois eram os agressores, porque assim como desde Hahnemann a Homeopatia combate a Alopacia, a Alopacia assesta todas as suas armas, nem sempre puramente científicas, contra a Homeopatia.

Vejamos as diferentes fases deste conflito: De inicio as criticas alopáticas contra a homeopatia se fizeram COM DESCONHECIMENTO e desprezo.

Desconhecimento porque os criticos não conheciam a doutrina por não a terem estudado, e desprezo porque a Homeopatia ainda não tinha qualquer projecção que lhes viesse toldar as atividades em qualquer sentido.

Quando a Homeopatia começou a angariar adeptos e multiplicar as curas, o combate passou a ser feito ainda com DESCONHECIMENTO, porém com certa violencia em virtude da concurrencia que realmente começava a se fazer sentir. Aumenta, porém, o numero de médicos homeopatas, espalham-se, noticias de curas e rea-

lizações, e o conflito passa para um terreno ainda de desconhecimento mas já cheio de dúvidas, de indecisões, porque o constante evoluir e transformar dos outros métodos terapêuticos não permitia aos criticos segurança nas suas próprias ideias. Continúa o desenvolvimento da Homeopatia, aumenta e espalha-se a sua literatura, aprofunda-se experimental e teoricamente o exame de suas leis, e já no campo oposto o velho conflito ainda cheio de DESCONHECIMENTO, reveste-se de uma parcela de curiosidade benéfica, porque convida e induz ao estudo e ao conhecimento. Atingimos agora aos primeiros lustros deste seculo, em que o número de sábios e mestres incontestaveis nos varios ramos da medicina que se fazem declaradamente homeopatas, obriga todos os sábios oponentes a um estudo da sua doutrina, das suas leis, transpondo-se este conflito para o terreno da ciência e do respeito. A luta, pois, passou há pouco da ironia, das ofensas, dos apellidos, das indirectas ócas, para a discussão à luz da ciência, conduzida por homens que são para tanto autoridade bastante. Por outro lado, a Homeopatia, desde Hahnemann vinha considerando como um dever primordial para o seu desenvolvimento o combate acurado, continuo a todos os outros métodos terapêuticos, julgando os homeopatas ser esta atitude negativista a melhor maneira de convencer e provar a realidade da sua doutrina. Neste combate que tambem passou por fases sucessivas, os homeopatas, forçoso é reconhecê-lo, usaram igualmente de toda a sorte de meios e armas. (Estamos, pois, historicamente pagos...) Se encararmos, porém, a situação actual deste conflito encontraremos uma duplicidade de ambientes e uma certa irrequietude resultante talvez da inquietação espiritual e social por que vem passando o mundo. Actualmente as duas Escolas discutem, mas se ombream dentro de uma ética salutar, nas Academias, nos Institutos de altos estudos, na imprensa médica, nos congressos científicos e nos proprios

laboratórios. São os sábios homeopatas ou não que procuram a verdade sem "partidarismo", retirando de todas as Escolas aquilo que lhes parece útil e verdadeiro. Infelizmente, porém, esta discussão se processa numa escala de elevação científica que os afasta e torna incompreensíveis a leigos, sómente a médicos e especialistas sendo acessíveis a leitura e o estudo das suas conclusões. Dizemos, infelizmente, porque de grande valor seria para a humanidade a divulgação deste trabalho em comum. Tivemos o prazer de ler um trabalho do dr. Fortier Bernoville, intitulado "De como se vem para a Homeopatia" transcrito de "Le Mouvement Homeopathique", pela Revista da Associação Paulista de Homeopatia e não nos pudemos furtar ao desejo de procurar ampliar a sua divulgação. Desse artigo destacamos o seguinte trecho: "Aqueles que conhecem os homens, mesmo os homens de ciencia mais eminentes, mais venerados, notam com que leviandade são formuladas as mais peremptorias e as menos seguras opiniões em questões mal conhecidas ou mesmo inteiramente ignoradas.

É o vicio humano de querer julgar, ainda que fóra de sua particular competencia, os objetos mais diversos: religião, politica, sociologia, etc. O mesmo se dá com a medicina. No que concerne á Homeopatia, ha todos os graus possiveis entre os não iniciados e os que a conhecem profundamente. Há os médicos que não a conhecem e que, prudentemente, criteriosamente, não a querem julgar. Felicitêmo-los. Não são tão numerosos. Há os confrades que a ignoram, mas que nela não acreditam. "Se fosse verdade, dizem eles, toda a gente o saberia". Esses nunca se tornarão homeopatas. Tanto melhor para nós e para os doentes. Há os que lhe concedem lugar limitado, porque foram testemunhas de fatos inegaveis: "Os homeopatas exageram, generalizam muito; na verdade, o método deles só é bom para as crianças". Ou então: "Ha apenas uma doença para qual é preciso admitir que a homeopatia seja superior; trata-se da coqueluche". Outros dizem: "a ciática". A opinião desses confrades é algo apressada, mas é já científica. São futuros simpatizantes confessos ou adeptos da doutrina hahnemanniana. Há também uma outra categoria de médicos que raciocinam desta forma: "Os homeo-

patas têm sucessos inegaveis; devem possuir uma serie de manhas que em pouco se pode conhecer e que seria bom incorporar o seu trabalho, diz: "não é possível que no mundo inteiro, tenham trabalhado em receitas. Algumas horas passadas a consultar seus alfarrábios devem bastar amplamente".

"Esses confrades ingenuos veem a nós logo que lhes dizemos a verdade e que elas averiguam as nossas palavras. A Homeopatia é um método terapêutico maravilhoso, mas é necessario dar-se á pena de o estudar."

Quanto mais a gente o estuda, tanto mais é recompensada pelos esforços. Certo, pode-se praticá-la em muito pouco tempo, pois a melhor maneira de aprender a nadar é lançar-se á agua. Desse grupo de médicos, alguns se tornam verdadeiros homeopatas, outros permanecem como simpatizantes e a praticam na ocasião propícia, nos casos rebeldes. Também esses tem atitude científica. Mas as necessidades da vida, a falta de tempo, a clientela absorvente os impedem de estudar a fundo a matéria médica. Nem por isso deixam de ser zelosos ainda um grupo de confrades, entre os quaes se encontram muita vez médicos de grande valor, excelentes clinicos, sumidades, chefes de clinicas, médicos de hospitais, catedráticos. Este o raciocinio deles: "Teoricamente a Lei de semelhança e o uso das micro-dóses são lógicos e admissiveis.

É possível que os homeopatas generalizem excessivamente; entretanto, fatos numerosos e as tendencias modernas da ciencia, da fisica tanto quanto da biologia, estão a favor da homeopatia. Mas, se estamos prontos a admitir a homeopatia, a verificá-la, a fazer com que progreda e a anexá-la, em contraposição esses homeopatas durante tanto tempo isolados, pouco numerosos, independentes ferozes, rabujentos ou susceptiveis, encerrados em sua torre de marfim, nos parecem bem despreziveis.

Admitamos a homeopatia, regeitemos os seus adeptos". Eis ainda uma atitude, por certo injusta, mas felizmente e fatalmente transitória, de médicos de elite, que na maioria das vezes, cêdo se tornarão partidários zelosos da homeopatia, quando mesmo não a pratiquem nem parcialmente pelo menos.

Do que dissemos parece evidente que a ciência médica e a humanidade muito teriam a ganhar com o mutuo conhecimento de ambas as Escolas. Que quer dizer mutuo conhecimento? Quer dizer que os homeopatas devem conhecer e acompanhar a evolução da semiologia em geral, da patologia e da terapêutica e que os alopatas devem conhecer a Homeopatia. Sem isso, mutuo entendimento é impossível. Mas os médicos homeopatas são, por princípio, conhecedores das leis e métodos alopáticos de cura, pois para tanto estudaram, e foram diplomados por Faculdades alopáticas, depois de cursos alopáticos e podem, por isso mesmo, compreender a linguagem por eles usada. Já não se dá o mesmo com os nossos colegas alopatas que nenhuma obrigação tendo de estudar a homeopatia só a conhecem por "ouvir dizer" e por referencias mais ou menos suspeitas ou falsas, mas de qualquer modo insuficientes para lhes permitirem formar uma idéia concreta do seu valor real. Por isso é que, pugnando por uma mutua cooperação em beneficio dos doentes, cabe um convite aos alopatas para que eles, sim, estudem a homeopatia e suas leis, pois só esse estudo lhes dará autoridade de nos criticar, se depois desse estudo ainda sentirem desejo de fazê-lo. Lembramos a proposito, o caso conhecidissimo do diretor de uma das Faculdades de Medicina da Alemanha que tendo resolvido arrazar a Homeopatia, principiou por determinar que o seu melhor aluno e assistente, dr. Hering, a estudasse acuradamente para depois combatê-la. Este é o verdadeiro caninho para a critica sã, embora, seja dito de passagem, o caso do dr. Hering tenha terminado com a sua adesão aos principios homeopáticos, os quais estudou e applicou o resto de sua vida, sendo considerado entre os mais destacados mestres da nossa Escola. É possível que não seja este o fim de todos os médicos que resolvem estudar a homeopatia, mas o que não pode restar a menor duvida é que o seu estudo pode permitir um entendimento entre as duas Escolas. Discutir com conhecimento, sim. Discutir sem conhecimento, não. "Deem-nos a saber as suas criticas, o presentem suas objeções. Justificadas, prestar-nos-ão serviços, farão mesmo progredir a causa de Hahnemann."

Tais são as unicas alternativas para a questão porque o conflito puro e simples entre as duas Escolas é um conflito injus-

tificado, visto que o objetivo final de todos os médicos, alopatas ou homeopatas, é um só: CURAR.

A PROPAGANDA DA HOMEOPATIA

A difusão dos fundamentos da terapêutica homeopática, a explicação e a documentação, com casos, de seus métodos de cura, o esclarecimento das frequentes confusões de que suas leis fundamentais são vítimas, tudo isso, em conjunto, constitúe o que chamamos a propaganda da homeopatia, e, em consequência tal é a tarefa a que nos encontramos atirados, não somente por dever de consciência, como pela responsabilidade de Diretor de Propaganda da Liga Homeopática do Rio Grande do Sul.

A propaganda homeopática, porém, oferece uma particularidade que a distingue da propaganda de qualquer outro método e principio terapêutico. É que ela é, não apenas em sua forma, mas em sua essência, característica e fundamentalmente objetiva e impessoal.

Si não vejamos. O que em primeira linha distingue a terapêutica homeopática é que a prescrição do medicamento obedece à uma determinada lei: "Similia similibus curentur", isto é, a lei dos semelhantes, como é vulgarmente conhecida. Segundo esta lei, obrigatória e definitiva para todos os homeopatas, a tarefa do médico consiste em pesquisar, estudar e organizar a totalidade dos sintomas apresentados pelos doentes, e de acôrdo com esses sintomas prescrever o remédio adequado, isto é, o semelhante àquele cuja patogenesia coincide com o quadro estudado.

É compreensível que, por mais disparres que sejam as culturas pessoais ou os sentimentos particulares de dois médicos homeopatas, êles não poderão divergir na pesquisa dos sintomas objetivos — por isso mesmo que são objetivos — e chegarão fatalmente ao mesmo medicamento, desde que conheçam perfeitamente a sua matéria médica.

Não há, na terapêutica hahnemanniana, por onde sair dessa verdade. O que é verdade para o médico homeopata dr. A., o é também para o dr. B., dr. C., e dr. Z. Si nós dizemos que podemos curar e temos curado afeções de amígdalas, crises de apendicite ou acessos de asma, não adquiriremos com isso nenhuma glória pessoal, pela razão muito simples de que na-

da mais fizemos que aplicar o que estudamos das leis e da matéria médica homeopáticas e que a cura que conseguimos seria conseguida — sem dúvida alguma — por qualquer outro médico homeopata, usando os mesmos métodos e a mesma matéria médica.

Nada há, portanto, de pessoal, e de particular interesse na propaganda homeopática. Para cada doente, em determinado momento, há apenas um único remédio curador. Encontrá-lo é mérito da doutrina e possível a todos os médicos homeopatas, os quais aplicam leis científicas para fazê-lo.

Na alopatia o caso é bem diferente. Para cada doença há dezenas de remédios e métodos de cura. Cada clínico, por motivos de ordem cultural e pessoal, usa um ou mais deles e daí que a divulgação desses métodos seria uma propaganda puramente pessoal. Isto é óbvio por si mesmo e nos excusamos de insistir no assunto que se evidencia à simples leitura de anúncios de jornais. . .

Há tempos, um ilustre colega, em um assomo de "indignação", referiu-se ao trabalho de divulgação homeopática que vem sendo feito ultimamente aqui e em todo o Brasil — como, aliás, em todo o mundo civilizado — e fez alusão aos interesses pessoais existentes atraz desse esforço.

Como homeopata procuramos dar a nós mesmos a explicação desse "estrilo". Os motivos são vários, mas à frente deles, persiste, apesar de todo o nosso esforço, a chocante ignorância do que é, em que consiste e como age a Homeopatia. De outro modo não podemos compreender como se pode — em perfeita fé e verdade — encontrar interesses pessoais na propaganda homeopática. Mas mesmo que assim não fosse a "indignação" do nosso colega não se pareceria com a daquele cavalheiro que vendo um garimpeiro esfalfar-se de sol a sol, no trabalho, disse: — "Sim, trabalha muito, mas êle tem segundas intenções, êsse tal. Êle quer é achar ouro!"? Qual seria a primeira intenção do garimpeiro? Limpar o leito do rio em que trabalha?

Mas, decididamente, há coisas mais importantes a considerar.

CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DO NÚMERO DE MÉDICOS HOMEOPATAS NO BRASIL

É princípio basilar do pensamento científico, que a solução de um problema im-

plica na necessidade de seu conhecimento. Assim é que, si desejamos trabalhar pela formação de médicos homeopatas, cumprenos saber as causas de seu tão pequeno número.

Em todo o Brasil, e particularmente no Estado do Rio Grande do Sul, o problema toma a forma de um verdadeiro círculo vicioso, que vamos tentar deslindar.

Por um conjunto de circunstâncias de ordem social — e de divulgação — a par do real valor clínico da terapêutica homeopática, êste método terapêutico adquiriu, há longos anos, um prestígio seguro e conquistou a confiança de grandes camadas da população.

Desde as grandes capitais, aos mais recônditos e humildes vilarejos do nosso grande Brasil, — por toda parte — nas fábricas e nas fazendas, nas cidades e nos campos, assim como nas casas e nos casebres, os medicamentos homeopáticos são procurados.

Si nas capitais e nas grandes cidades podemos encontrar a explicação para êstes fatos nos trabalhos de difusão e propaganda, nas modestas aldeias e vilas do interior, esta explicação não é cabível, obrigando-nos a atribuir o fato ao êxito do medicamento em si mesmo, ao seu baixo preço, à sua facilidade de administração, aos benefícios que presta.

De uma forma, porém, ou de outra, o fato incontestável e que fala por si mesmo — aí está. Camadas de população cada dia maiores e mais amplas, procuram a terapêutica homeopática.

De outro lado, porém, apresenta-se uma dificuldade. A procura da medicina homeopática não encontra número suficiente de médicos que a prescrevam.

Como se sabe, — a exceção única da Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil, — no Rio de Janeiro, nenhuma das múltiplas escolas de medicina do país ensina Homeopatia, nem sequer faz a ela referência. Dêste modo, ficando a especialidade da terapêutica homeopática na dependência exclusiva da iniciativa do próprio estudante, é compreensível o pequeno número que a ela chega. Ninguém aprenderá francês em uma escola de inglês, principalmente si nesta escola de inglês nunca se fizer referência à lingua francesa. . . Não é outra, infelizmente, a situação dos médicos brasileiros.

Aí estão, pois, os fatos, tais como êles se apresentam. De um lado, a grande pro-

cura do método hahnemanniano de cura. De outro, a falta de médicos que empreguem este método.

Existe uma lei de economia política, que, com um pouco de boa vontade, pode ser aqui aplicada, a título exclusivo de argumentação. É a lei da oferta e da procura. Estas duas circunstâncias estão em constante relação. Si aumenta a procura, tem de ser aumentada a oferta.

Mas si a procura da Homeopatia aumenta e não pode ser aumentada a oferta de seu método de cura, quais as consequências? Elas são, — e não poderiam deixar de ser — as que constatamos a seguir. Surgem os "práticos" e surgem os "manuais", e folhetos de divulgação dos laboratórios fabricantes, os quais são avidamente procurados e guardados, como a própria Bíblia, em milhares de lares, não somente no interior, onde a falta de médicos é absoluta mas também em cidades e capitais, onde o número de médicos homeopatas é pequeno — insuficiente mesmo.

Das consequências que acima delineamos, ambas danosas, mas também inevitáveis, resultante da contradição entre a oferta e a procura, a do aparecimento dos "práticos" — isto é, de leigos que adquirem, ou supõem terem adquirido prática, e passam a "clínica pela Homeopatia" — é a de piores efeitos.

No Rio Grande do Sul, onde, até há bem pouco tempo, era livre o exercício de qualquer profissão, o mal dos "práticos" se fez sentir de forma particularmente intensa e efetiva. Eles se contam por dezenas, — talvez por centenas. Existem por toda parte, alimentando a procura, e proporcionando — algumas vezes com a melhor das boas vontades — o mal que podem, porque a aplicação de qualquer medicina — e a Homeopatia entre elas — por leigos é sempre um erro, um mal e até um crime de lesa humanidade.

Não faz muito tempo, um cidadão requereu ao Departamento Estadual de Saúde, licença para clínica. "Só em Homeopatia" — dizia êle em seu requerimento, indicando que era funcionário público e que possuía um bom manual — o qual já tinha "lido quase todo".

Um outro, escreveu-nos perguntando o que deveria fazer para se tornar médico homeopata e ficou surpreendido quando lhe respondemos que bastava cursar seis anos de uma boa escola de medicina e mais 4 anos de uma especialização homeopática.

Mas o número dos que "se intalam" para clinicar pela Homeopatia sem se dirigir ao Departamento Estadual de Saúde ou nos escrever perguntando o que se deve fazer, é infelizmente muito maior.

Os "práticos" são, pois, um outro aspecto, — um aspecto de fato, do nosso problema. Seu número é tão grande, que constitui um novo caso. Muitos médicos, embora se sentindo inclinados ao estudo da Homeopatia — e à sua aplicação — não se desejam vêr — e têm certa razão — ombreados com tais indivíduos.

E aí se estabelece o círculo vicioso a que nos referimos. Os doentes procuram a Homeopatia. Os médicos não a exercem. Logo, surgem os "práticos". Daí os médicos que a não exerciam, se afastam ainda mais dela para não se igualarem aos mesmos, esquecendo-se de que — em última análise — êstes práticos da Homeopatia são uma criação indireta — dialética, digamos — deles próprios.

A solução se impõe por si mesma. Apareçam os médicos, e os "práticos" desaparecerão em proporção geométrica. Para cada médico homeopata, desaparecerão 10 "práticos", e isto é uma afirmação que podemos fazer, de experiência própria.

Sem querer consolar-nos com o mal alheio, mas apenas para demonstrar a lógica da nossa argumentação, permitimo-nos lembrar que nos lugares em que não existem, ou existem poucos médicos alopatas, também surgem os "práticos" da alopatia, em geral os farmacêuticos — que, muitas vezes não são sequer farmacêuticos diplomados — e que apenas substituem os "guias" e "manuais" homeopáticos pelos livros de saúde ou as bulas de remédios que vendem... Aliás, com grande desvantagem para os doentes, porque ao passo que os medicamentos homeopáticos são absolutamente inócuos pela sua natureza diluída e dinamizada e seus veículos neutros, os outros, os alopáticos, são em geral drogas massivas e tóxicas, que somente clínicos podem controlar.

O mal é o mesmo, embora em menor escala, justamente porque existem mais médicos alopatas.

O assunto deve ser encarado com coragem e decisão. A existência de um mau padeiro não justifica o fechamento das padarias, uma vez que toda gente precisa de pão. Os bons padeiros — forçosamente — conseguirão os freguezes do outro.

Nas condições atuais, estudar a Ho-

meopatia, praticá-la com consciência, constitui uma ação duplamente benéfica: a de dar combate efetivo aos "práticos" e a da aplicação de um método de cura por todos os motivos recomendável.

O interesse que os homeopatas dedicam à formação de novos quadros de clínicas, é por todos motivos, cheio de entusiasmo e indício de real desprendimento. Porque ao homeopata sincero não assusta a concorrência, não preocupa a rivalidade. Ele coloca acima de tudo isso o dever de divulgar sua doutrina, de trabalhar pelo que considera um real benefício para os sofredores, primeira divisa da profissão que abraçou.

Não devemos, porém, nos conformar com a situação e lamentar os fatos, cruzando os braços. Tornam-se necessárias medidas práticas, tais como:

- a) Edição de livros sôbre a Homeopatia e sua distribuição para venda em todo o país, o baixo preço;
- b) Organização de cursos post-graduação para médicos em todos os Estados;
- c) Cursos de extensão universitário para doutorandos em medicina, visando principalmente uma introdução ao estudo da doutrina homeopática;
- d) Como decorrência dos itens anteriores, a criação de cadeiras de homeopatia em tôdas as escalas de medicina do Brasil; e,
- e) Insistir na criação de clínicas homeopáticas em tôdas as autarquias e entidades de classes, visto que já foi o assunto devidamente estudado pelo Instituto de Previdência Nacional que deferiu o pedido da Liga Homeopática do Rio Grande do Sul.